

Alenquer cidade amor

Aldo Arrais

(Para os alenquerenses que se esqueceram de sua terra natal, lerem na cama...)

Gosto tanto de Alenquer, que sobra pouco amor para outras coisas. Alenquer está crescendo..., ficando adulta, bonita e vaidosa. Nos cinco bairros da cidade, tem gente que eu nem conheço mais. As velhas gerações estão morrendo. Desaparecendo, também, com elas, nossas mais belas e caras tradições. As festas de Santo Antonio, São Sebastião e São Benedito já perderam muito do seu colorido, brilhantismo e animação. Mas a festa de Santo Antonio, nosso Padroeiro – de 1º a 13 de junho, continua resistindo ao desgaste do tempo, a erosão da modernidade e ao dilúvio da descrença. Marambiré, folclore, festivais de música e poesia, festival do acari, teatro e futebol, corrida de cavalos na praça limpa em frente a cidade; peixe fresco, bom e barato no Mercado Municipal; segurança total nas casas, onde se podia dormir de portas abertas; riquezas, fartura e abundância, são lembranças e saudades.

A presença alegre dos casais de namorados nos bancos de madeiras do Trapiche Municipal, nos fins de tarde maravilhosos, também são coisas do passado, de um passado risonho que não volta mais. Até as animadas serestas e as famosas “piracaias” nas noites quentes de verão, a Polícia e a Justiça proibiram. Os estudantes não têm mais a Liga Estudantil Alenquerense (LEA) que nas férias de fim de ano, na volta para o lar, no regresso ao aconchego e ao carinho da cidade; marcavam presença, participando e promovendo os grandes eventos culturais na “Princesa do Surubiú”. Infelizmente, a política mudou tudo, para pior; nossa vidinha gostosa e nossos costumes salutares; desuniu, intrigou e inimizou as famílias mais respeitadas e tradicionais; congelou, asfixiou, atrofiou nossos anseios de progresso e de desenvolvimento, enfim, transformou Alenquer, terra dadivosa e boa, terra de todos nós, na terra do “já teve”. Anestesiou as manifestações corajosas de seu povo valente e hospitaleiro; suas perenes manifestações de bondade, compreensão, tranquilidade e Paz. Parece que nossa cidade, tão pacata, hospitaleira e encantadora, se prostituiu e se perdeu. Somente com muito amor, fraternidade, harmonia e amizade verdadeira, Alenquer poderá novamente florescer.. Cidade poesia, Cidade Coração, Cidade Sorriso, Cidade Amor. Assim era Alenquer, paixão progressiva de minha juventude e amor imensurável de minha velhice. Alenquer, terra que a gente adora; terra que a gente ama, com toda força e de verdade. “Princesinha do Surubiú”, Alenquer de minha infância e de minha meninice, te amei ontem, te amo hoje, te amarei amanhã e sempre, cada vez mais. Sem me abater com as injustiças e incompreensões, que tanto tenho sofrido, continuarei cantando em prosa e verso as tuas riquezas e belezas naturais e grandeza de teu povo heróico e sofredor.

Santo Antonio, que é Alenquerense, que é ximango autêntico, que nasceu na Vila Curuá, vai proteger e abençoar minha terra querida.

Do alto da pequenina Serra da Lonjura, que as escavações e desmatamentos estão destruindo paulatinamente, os braços da Cruz Gigante, do majestoso Cruzeiro, iluminado somente e durante a Festa do Padroeiro, mostram de longe aos visitantes e romeiros, esse marco luminoso de esperança, de otimismo e de fé, abraçando a cidade, carinhosamente.

Foi assim que aconteceu

Nesta terra do Senhor

De um beijo longo nasceu

Alenquer – Cidade Amor.

Pesquisado por Roberto Mesquita.